O encontro entre Cristiano Ronaldo e Donald Trump constitui um ponto de inflexão simbólico que permite observar, com rigor analítico, a convergência entre diferentes formas de poder no cenário global contemporâneo. Em termos de liderança e gestão estratégica, episódios como este demonstram como símbolos sociais, provenientes de esferas aparentemente desconexas, podem gerar impactos políticos, culturais e diplomáticos que transcendem o evento imediato. No caso específico, trata-se da colisão e simultânea complementaridade entre o soft power do desporto e o hard power da política institucional, dois campos que moldam perceções sociais, influenciam narrativas e, potencialmente, contribuem para dinâmicas de paz. A literatura em liderança transformacional, influência simbólica e diplomacia pública sublinha que figuras com grande alcance comunicacional podem funcionar como catalisadores de conexão intercultural (Bass & Riggio, 2006; Nye, 2004). Assim, considerar a interação entre Ronaldo e Trump não como mera curiosidade mediática, mas como objeto de estudo científico, permite compreender como diferentes modalidades de poder se articulam na construção de agendas de paz.

Cristiano Ronaldo representa um caso paradigmático de liderança baseada no mérito, na disciplina e na autorreflexão contínua. Embora atue num domínio não político, seu capital simbólico amplia fronteiras, criando uma forma de liderança transnacional centrada em performance, exemplaridade e influência difusa. A investigação sobre liderança carismática e legitimidade social reconhece que figuras culturais de alta visibilidade conseguem mobilizar comunidades globais e fomentar comportamentos pró-sociais mesmo sem autoridade formal (Antonakis et al., 2016). Ronaldo, por meio da sua trajetória de superação, estabelece uma narrativa de resiliência universalmente compreensível, independentemente de culturas, geografias ou ideologias. É justamente esta capacidade de inspirar, frequentemente associada ao conceito de “liderança heroica” nos estudos de gestão, que o transforma num ator relevante na diplomacia cultural contemporânea.

Por contraste, Donald Trump enquanto Presidente detém autoridade formal e poder decisório direto sobre a ordem internacional. Diferentes correntes da ciência política e da gestão pública analisam o seu estilo como predominantemente transacional, orientado para resultados imediatos, relações de poder diretas e estratégias de negociação de alta pressão (House et al., 2004). Enquanto líder, opera numa esfera onde decisões moldam mercados, alianças e equilíbrios regionais. Assim, quando uma figura dotada de autoridade institucional encontra outra reconhecida pelo poder simbólico global, produz-se uma interseção rara onde

a comunicação política encontra a comunicação social, abrindo espaço para novas configurações de influência.

A literatura sobre soft e hard power fornece base sólida para interpretar este encontro. O soft power, conforme proposto por Nye (2004), consiste na capacidade de produzir admiração e adesão através de valores, cultura e reputação; já o hard power opera por meio de coerção, incentivos materiais e uso direto da autoridade. Ronaldo funciona como um ícone da narrativa aspiracional, mobilizando milhões através do exemplo pessoal. Trump, por sua vez, integra a máquina estatal cujos instrumentos de poder têm efeitos tangíveis. Ao sentarem-se juntos, os dois constroem uma síntese comunicativa que ilustra a coexistência entre poder simbólico e poder institucional, uma relação amplamente estudada por autores da liderança integrada (Denis, Langley & Sergi, 2012).

A própria existência da fotografia amplificada globalmente reforça o papel dos símbolos como instrumentos de gestão social. A investigação sobre peacebuilding e diplomacia pública indica que símbolos podem desempenhar função estabilizadora, servindo como marcadores de diálogo em contextos de polarização (Galtung, 1996; Richmond, 2014). Num mundo permeado por tensões na Europa, no Médio Oriente e na Ásia, a simples representação visual de dois universos que se cruzam sugere possibilidade de aproximação entre grupos heterogéneos. Ainda que não produzam acordos formais, tais gestos ajudam a reconfigurar perceções públicas e criar microclimas de receptividade ao diálogo, um elemento crucial em processos de construção de paz segundo a teoria da “paz positiva”.

Nesta perspetiva, Ronaldo emerge como protagonista de uma diplomacia da excelência. Não precisa de proclamar posições políticas para exercer influência civilizatória. A sua presença global, impulsionada pelo futebol, pela ética de trabalho e pela consistência comportamental, gera confiança pública, elemento central para o que autores da gestão chamam de “liderança de legitimidade moral”. A literatura reforça que líderes culturais podem reforçar valores de inclusão, reduzir tensões identitárias e funcionar como pontes simbólicas entre comunidades em conflito (Eisenbeiss, 2012). Assim, quando Ronaldo se aproxima de líderes políticos, amplia o potencial de comunicação intercultural e ativa o que se pode denominar de diplomacia emocional.

Por outro lado, Trump opera dentro da lógica da política realista, em que decisões produzem efeitos diretos sobre segurança, economia global e relações internacionais. Sua interação

com figuras da cultura popular expande a sua esfera de influência e humaniza a comunicação política. A ciência política reconhece que, ao dialogar com personalidades de alto capital social, líderes institucionais conseguem atenuar perceções de distância e reforçar narrativas de proximidade populacional (Entman, 2004). Neste sentido, a presença de Ronaldo funciona como recurso relacional: acrescenta suavidade comunicativa, enquanto Trump acrescenta poder decisório. A complementaridade entre ambos cria uma mensagem de que o diálogo entre diferentes níveis de influência continua possível.

No plano sociopolítico, o encontro também pode ser interpretado como metáfora da hiperconectividade contemporânea. A viralização da imagem não apenas amplifica a narrativa, mas também a transforma num artefacto comunicativo global. A comunicação pública, enquanto campo científico, analisa como imagens icónicas alteram perceções e criam narrativas espontâneas de significado coletivo (Couldry, 2012). Neste caso, a imagem sugere que a paz pode começar exatamente quando mundos aparentemente incompatíveis dispõem-se a dialogar. Embora simbólica, esta sugestão atua como gatilho cognitivo que fomenta reflexão social sobre tolerância, cooperação e liderança colaborativa.

Em termos de gestão e liderança, o episódio evidencia a importância crescente das competências interpessoais e da capacidade de gerar pontes em ambientes polarizados. Organizações complexas, sejam governos, clubes, empresas ou instituições multilaterais, dependem cada vez mais da habilidade de seus líderes de promover diálogo entre partes divergentes. Assim, encontros como o de Ronaldo e Trump servem como modelos de gestão simbólica, mostrando como diferentes estilos de liderança podem convergir de forma complementar: o visionário simbólico e o decisor institucional. Esta complementaridade está no centro dos modelos contemporâneos de liderança colaborativa, que defendem que a paz, tal como a gestão eficaz, é sempre um esforço conjunto (Uhl-Bien, 2006).

Ao final, o que este encontro revela não é uma cooperação formal, mas uma promessa: a de que gestos simbólicos, quando amplificados, têm potencial para inspirar novas formas de diálogo global. A paz raramente constrói-se num único espaço; emerge da interseção de múltiplos atores, múltiplas esferas e múltiplas narrativas. Assim, dois homens vindos de universos distintos, um moldado pelo rigor do desporto, outro pela dureza da política, transformam um simples momento em matéria de reflexão geopolítica. Não resolvem conflitos, mas recordam que, em tempos de radicalização, qualquer gesto que aproxime mundos merece ser analisado como parte do vasto ecossistema da paz.

Referências Bibliográficas

Antonakis, J., Fenley, M., & Liechti, S. (2016). *Learning charisma: Transforming leaders into charismatic communicators*. Academy of Management Learning & Education, 10(3), 374–396.

Bass, B. M., & Riggio, R. E. (2006). *Transformational leadership*. Psychology Press.

Couldry, N. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice*. Polity.

Denis, J.-L., Langley, A., & Sergi, V. (2012). Leadership in the plural. *Academy of Management Annals*, 6(1), 211–283.

Eisenbeiss, S. A. (2012). Re-thinking ethical leadership: An interdisciplinary integrative approach. *The Leadership Quarterly*, 23(5), 791–808.

Entman, R. (2004). *Projections of power: Framing news, public opinion, and U.S. foreign policy*. University of Chicago Press.

Galtung, J. (1996). *Peace by peaceful means: Peace and conflict, development and civilization*. Sage.

House, R. J., Hanges, P. J., Javidan, M., Dorfman, P., & Gupta, V. (2004). *Culture, leadership, and organizations: The GLOBE study*. Sage.

Nye, J. (2004). *Soft power: The means to success in world politics*. Public Affairs.

Richmond, O. (2014). *Peace: A very short introduction*. Oxford University Press.

Uhl-Bien, M. (2006). Relational leadership theory. *The Leadership Quarterly*, 17(6), 654–676.

Imagem de destaque:
https://tribuna.expresso.pt/ronaldo/2025-11-19-ronaldo-pos-o-laco-jantou-com-trump-na-casa-branca-e-o-presidente-dos-eua-agradeceu-o-meu-filho-e-um-grande-fa-ec6e825c